

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de História e do
Programa de Pós-Graduação em História

ISSN: 1415-9945

ISSN: 2177-2940

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

WIIK, Flávio Braune; SIMONETTI, Rafael Pereira
Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do Diário da Tarde
Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-
Graduação em História, vol. 21, núm. 3, 2017, Setembro-, pp. 79-95
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305560681009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UEM  redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do Diário da Tarde

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3.39786>

Flávio Braune Wiik

Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL).
flaviowiik@gmail.com

Rafael Pereira Simonetti

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - campus de Marília,
rafapsimonetti@gmail.com

Palavras Chave:

Caboclos; Contestado;
Indígenas; O Diário da
Tarde.

Keywords:

Caboclos; Contestado;
Brazilian Indians; O
Diário da Tarde

Palabras clave:

Caboclos; Contestado;
Indígenas; El Diario de
la tarde.

Resumo

O presente ensaio versa sobre pontos e contrapontos presentes em discursos sobre indígenas e caboclos da região do Contestado, no período das batalhas (1912-1916), utilizando-se como fonte de dados e objeto de análise o periódico paranaense *O Diário da Tarde*. Como é mais corriqueira a relação do Contestado com os ditos *caboclos* ou *sertanejos fanáticos*, o jornal se mostrou um campo investigativo que resultou em novas percepções sobre a população local, incluindo descrições sobre conflitos com indígenas e suas caracterizações junto a comparações e contrastes frente aos *caboclos*. O pensamento social da época foi usado como fomento às discussões.

Abstract

Speeches in the press about indigenous and caboclos during Contestado: the case of Diário da Tarde

Taking into account aspects presented in articles about Brazilian Native Indians and Caboclos from the Contestado region during its main battles (1912-1916) published in the newspaper *O Diário da Tarde*, this essay identifies new insights on the perceptions about its local population. It includes descriptions about conflicts involving Indians and Caboclos, their specific characteristics and contrasts between the two segments. The social thought of that period has been used as the background of the proposed analysis.

Resumen

Discursos en la prensa sobre índios y caboclos durante el Contestado: el caso del Diario de la tarde

El presente ensayo versa sobre puntos y contrapuntos presentes en discursos sobre indígenas y caboclos de la región del Contestado, en el período de las batallas (1912-1916), utilizando como fuente de datos y objeto de análisis el periódico paranaense *El Diario de la Tarde*. El diario se mostró un campo investigativo que resultó en nuevas percepciones sobre la población local, incluyendo descripciones sobre conflictos con indígenas y sus caracterizaciones, comparaciones y contrastes frente a los caboclos, como. El pensamiento social de la época fue utilizado como fomento a las discusiones.

Introdução

A revolta sertaneja do Contestado (1912-1916), também chamada de Guerra Santa, recebeu em seu nome os diversos sentidos do que se estava *contestando* naquele contexto de disputas de territórios entre Santa Catarina e Paraná, assim como um novo regime societário de usos e propriedade territorial ao longo da República Velha. As terras concedidas a *Brazil Railway Company* pelo Estado cortando toda a região sul¹ com a intensão de construir a ferrovia São Paulo – Rio Grande, foram *contestadas* pela população, predominantemente rural. Por sua vez, a influência do monge São João Maria² entre os sertanejos, e o incômodo que causava ao governo, deu um sentido *santo* às revoltas; um movimento messiânico por excelência.

O Movimento, constituído de pluralidades em termos socioculturais e étnico-raciais, deu vazio a análises que partiram das mais variadas áreas das Ciências Humanas. Autores clássicos são referências sobre a história do Movimento, como Monteiro (2011), Pereira de Queiroz (1965) e Vinhas de Queiroz (1996). Mas a complexidade dos eventos que marcaram o Contestado permitiu que a história abrisse um leque de possibilidades analíticas. Entre suas

diversas faces, as questões étnico-raciais se mostraram um importante objeto de análise antropológica.

A principal indagação da presente investigação é a localização das populações indígenas e não-indígenas na região do Contestado³. Sabe-se que a região abrangeu terras de ocupação tradicional de Kaingang e Xokleng, mas com poucos registros históricos dos quais se tem conhecimento (THOMÉ, 1981, 2010). A influência do monge, por exemplo, é investigada no presente em algumas comunidades indígenas remanescentes da região (BUBA; NÖTZOLD, 2016; WIİK, 2012), revelando que as relações com São João Maria não foram estritamente direcionadas aos sertanejos.

A categoria *caboclo* é a consequência desta indagação. A maneira como a história conta sobre os sertanejos é como se tivesse havido choques culturais que incluíram os europeus, os negros e os índios e que resultaram na criação do caboclo. Mas o que significava ser chamado de *caboclo* e de *índigena tradicional*?

Para se chegar nas implicações que os termos *caboclo* e *índio* tinham naquele determinado momento caracterizado pelo fim

¹ A região que se refere ao Contestado possui limitação, ao norte, nos rios Negro e Iguaçu, no sul, nos rios Canoas e Uruguai, na parte leste, na Serra Geral, e na parte Oeste, na Serra da Taquara Verde e no Vale do Rio do Peixe (THOMÉ, 2010, p. 11).

² São João Maria indicava o que os moradores da região Sul imaginavam sobre, pelo menos, três monges os quais passaram pelo local, fomentando a crença de que eram uma única pessoa, apesar de terem aparecido em épocas diferentes. Foram eles: João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria. A relação direta com o Contestado, no entanto, foi direcionada ao José Maria.

³ Os resultados obtidos são parte de uma pesquisa mais ampla sobre o Movimento do Contestado realizada na Universidade Estadual de Londrina (UEL): “Memórias do movimento social do Contestado: messianismo, xamanismo e as práticas religiosas no sul do Brasil”, entre 2013 e 2016, com investigações de docentes e alunos de graduação e pós-graduação. Referindo-se propriamente aos nossos resultados, são parte de um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado de “As perspectivas de jornais sulistas sobre representações e visibilidades indígenas no período do Movimento do Contestado” de autoria de Simonetti (2014) sob orientação de Wiik e da dissertação de mestrado “De selvagens bugres a caboclos fanáticos: as representações no Diário da Tarde durante o Contestado” também de autoria de Simonetti (2017). Outras publicações dos autores sobre o assunto, previamente e durante o período da pesquisa, foram: “A imprensa sulista nas batalhas do Contestado e seu tratamento à (in)visibilidade indígena” (SIMONETTI; WIİK, 2015), “O Contestado e seu impacto sobre modos e regimes de relação Homem - Natureza entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xapecó – SC” (WIİK, 2012), “Entre Crentes e Católicos: Cosmologias, Ideais Econômicos e Práxis Políticas entre os Kaingang da Terra Indígena (TI) Xapecó – SC” (GHIGGI JÚNIOR; WIİK, 2005) e “Somos Índios Crentes: dialéticas do contato, alteridade e mediação cultural entre os Xokleng (Jê) de Santa Catarina” (WIİK, 2010).

do Império e início da República, junto a construções de paradigmas científicos de orientações europeias e norte-americanas, foi necessário escolher um meio para se chegar nas discussões e reproduções do pensamento social da época relacionado aos grupos sociais em questão. Para tanto, como será tratado ao longo da presente argumentação, a imprensa se mostrou um importante veículo de mediação de informações entre os conflitos dos sertanejos revoltosos e das tropas oficiais, dos indígenas e dos não-indígenas, e a população letrada que recebiam as notícias através das páginas dos jornais. Considera-se, por sua vez, que a população alfabetizada na época era pequena e praticamente restrita à elite.

Com este intuito, *O Diário da Tarde* foi o jornal escolhido para esta análise por conta de sua alta circulação no Paraná na época das batalhas e também por ter disponível para acesso ao público todas as edições necessárias à pesquisa. Utilizou-se um método comparativo: reportagens sobre os *sertanejos revoltosos* e outras sobre *indígenas*. Sobre os *sertanejos*, consideramos as descrições categóricas do jornal a respeito da população do campo participante do Movimento, muitas vezes chamada de *cabocla* – termo que será discutido adiante. As categorias *mediação* e *análise de discurso* foram utilizadas como auxiliares ao entendimento do jornal em questão, levando em conta as características próprias do periódico que serão mostradas mais adiante.

O recorte temporal foi justamente o tempo de duração dos conflitos e dos principais eventos do Contestado, entre setembro de 1912 e agosto de 1916. Os meses pesquisados tiveram como referência metodológica as informações cronológicas de Monteiro (2011) sobre estes eventos. A busca de reportagens se baseou nas informações contidas em seus títulos associadas ao Contestado ou a indígenas. Totalizaram-se mais de 200 reportagens, analisadas durante a pesquisa entre 2014 e 2017.

As matérias identificadas para esta discussão foram selecionadas de acordo com sua

relevância emblemática em retratarem as caracterizações dos *caboclos*, dos *indígenas*, as comparações que se faziam entre os dois grupos, bem como o tratamento que o governo dava a eles, como através da atuação do Serviço de Proteção ao Índio e de Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN). Este órgão tinha como objetivo proteger os indígenas e *modernizar* o *trabalhador nacional*, ou seja, o sertanejo de características socioculturais representantes de uma miscigenação de índios, negros e imigrantes europeus. Tinha como base o ideário de civilização e de evolução social, tendo o Marechal Cândido Rondon como seu idealizador, pertencente à Igreja do Apostolado Positivista Brasileiro (GOMES, 2009). Considerando os trabalhos de assistência do governo para com o *trabalhador nacional*, também houve críticas do jornal voltadas ao descaso com a população *sertaneja revoltosa*.

Deve-se destacar a importância destas abordagens para a história dos indígenas da região do Contestado. Em uma notícia do jornal catarinense *O Dia*, há uma referência sobre a participação de índios em um dos conflitos: “(...) tendo os bugres aproveitado o fardamento, armamento e munição para sustentarem a guerra com eles fanáticos, conforme São João Maria havia anunciado” (O DIA, 28 de novembro de 1915). Esta é uma rara referência na imprensa sobre uma possível ligação direta entre eles e o Movimento. A falta de informações sobre os povos indígenas da região sul, mais especificamente no Paraná, é um incômodo compartilhado pelo historiador Lúcio Tadeu Mota, afirmando que a ideia de *vazio demográfico* foi utilizada por muitos autores na construção histórica da região, excluindo a presença de índios em suas narrativas (MOTA, 1994). Mostraremos alguns exemplos no *Diário da Tarde* de que os povos autóctones resistiam às investidas da colonização do sul, ora entrando em conflitos com a população do campo local, ora sofrendo junto à ela as consequências dos avanços desenvolvimentistas da Primeira República.

A imprensa, o pensamento e a política da época

As visões a respeito dos índios enquanto indivíduos e coletivos sempre foi intercedida por diversas representações *científicas* protagonizadas pela imprensa. Ao tratar sobre as singularidades das teorias raciais e como eram reproduzidas no Brasil na segunda metade do século XIX adiante, Schwarcz (1993) infere sobre tais discussões do período, revelando a presença das teorias evolucionistas e positivistas herdadas da Europa e dos Estados Unidos. Resultado disto está nas pautas etnocêntricas sobre questões raciais que caracterizavam pluralmente o Brasil na Primeira República e que faziam parte dos ideais de um projeto de construção do Estado-Nação. Tal fato marca as peculiaridades nacionais acerca das apropriações científicas:

No caso brasileiro, a “ciência” que chega ao país em finais do século XIX não é tanto uma ciência de tipo experimental, ou a sociologia de Durkheim ou de Weber. O que aqui se consome são modelos evolucionistas e social-darwinistas originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação. (SCHWARCZ, 1993, p. 41).

O jornalismo foi um grande mediador destes ideais, inclusive por ser, por sua natureza intrínseca, revelador de tais pensamentos que estavam presentes nos discursos de entrevistados, representantes do Estado ou até mesmo pessoas comuns. A mediação e publicização dos fatos e conjunto de ideias através da imprensa nos leva a discussões teóricas como a de Martín-Barbero (1997), ao sustentar que as mídias se vinculam a interesses transmitidos do emissor ao receptor. A mediação está intrínseca à transmissão de informações, remodelando-a conforme os interesses. Partindo deste pensamento, é necessário se atentar para o fato de que o discurso se constitui em ideologias veiculadas através da linguagem, fenômeno cultural por excelência. Orlandi (1996), ao tratar sobre as

relações entre o discurso, sua origem e sua ideologia, atenta-nos para o cuidado em analisar as falas de modo simultâneo à História, pois elas próprias já construíram por si só uma história.

Situando-se nas implicações de representações de cunho classificatório, resultado de teorias construídas ao longo dos anos e que estão presentes no *Diário da Tarde* durante o Contestado, consideremos que o significado de *caboclo* perpassou por diferentes momentos e locais (SAMPAIO, 2011; VIEGAS, 1998), desde atribuições por parte dos jesuítas em documentos da Companhia de Jesus até as visões do próprio SPILTN já no século XX. Não é nosso objetivo esclarecer sobre as diferentes formas de caracterizar o *caboclo*, e sim situá-lo no contexto em questão, como através da visão que havia sobre ele presente no SPILTN.

Como exemplo deste último aspecto, em um relatório do órgão de 1911, Carvalho (2011) identificou uma intrigante visão do órgão sobre os caboclos: foram descritos como descendentes da *escravidão africana* e da *espoliação indígena*. Considera o autor que tais associações os colocavam em um patamar de atraso às técnicas do trabalhador imigrante europeu. Esta imagem condiz com as teorias vigentes à época, pautadas em uma evolução *natural* dos agrupamentos humanos rumo à civilização, e o órgão responderia a esta função mostrando os caminhos considerados corretos para o aperfeiçoamento do seu trabalho e a consequente mudança de sua cultura. Tais anseios estão presentes nos discursos do *Diário da Tarde*, em concordância com seus objetivos.

Como forma de consequências políticas na época do Contestado, os serviços do SPILTN mostraram que havia tratamentos diferenciados direcionados às populações sertanejas e aos indígenas em referência à proteção de terras e aos ideais civilizatórios. O órgão tinha objetivos diferenciados: a proteção dos indígenas, com o cuidado em não afetar diretamente sua cultura, assim como visava aperfeiçoar e melhorar as técnicas de trabalho da população do campo,

identificados, como já foi descrito, enquanto descendentes dos escravos africanos e de indígenas (CARVALHO, 2011).

É necessário, todavia, alertar que havia uma grande preocupação com os conflitos entre indígenas e sertanejos, sitiantes, tropeiros ou vaqueanos, somados a conflitos entre índios e colonos europeus recém chegados a partir da segunda metade do século XIX, através das companhias de colonização, apregoando a ideia de *vazio demográfico* sobre territórios tradicionais indígenas. Sendo assim, uma das missões do SPILT, mesmo que veladas, ao se colocar como protetor dos índios, era cumprir a missão de *pacificá-los*. Esta estratégia se associa ao seu confinamento em áreas delimitadas (como os Postos Indígenas) controlados pelo Estado, onde a *proteção* significava moeda de troca pelo confinamento, assistência e aplicação do ideário positivista e evolucionista de transformar índios *bravios* em homens do campo, dentre eles, via mestiçagem – processo em vigor desde o Brasil Império (WIİK, 2004).

Cabe agora preceder para a análise das reportagens selecionadas do *Diário da Tarde* para os leitores paranaenses, formador de ideia sobre a população do campo, que ajuda a construir seus imaginários e reproduzem sua ideologia, assim como a narração dos fatos feita pelo periódico sobre o Contestado, os *caboclos* e os indígenas, recaindo tais informações a estes leitores. Não consideremos, por outro lado, que a imprensa tenha forças determinantes sobre a formação de ideias nos leitores, mas sim sua importância nesta formação, levando em conta que o jornal em questão era de grande circulação no Paraná.

Entre as páginas do jornal

O *Diário da Tarde* foi investigado em consideração ao contexto em que estava

inserido, atentando-se ao fato de que fazia parte de uma região no qual o jornalismo se inseriu bem tarde, haja vista que o Paraná ficou conhecido como o último Estado brasileiro a iniciar a tipografia (WOITOWICZ, 2014). Sendo assim, o jornal também estava nascendo e tomando forma, concomitantemente ao período em que se desenrolava o conflito do Contestado. Sua grande circulação no Paraná nos levou a considerá-lo uma importante fonte de informações em comparação a outros periódicos contemporâneos do sul (ex: *O Leme*, *A Noite*, *O Dia*).

Sua primeira edição data no dia 18 de março de 1889, junto ao início da República, sendo Estácio Correia seu fundador, intencionando, declaradamente, a ponderação dos conflitos partidários daquele período. Mudou bastante de diretores – fato comum entre os periódicos da época. No período das revoltas sertanejas, Jayme Ballão ocupava o posto de diretor. Ballão esteve envolvido com a vida política do Paraná de 1912 a 1920, sendo camarista⁴ (como era denominado o cargo de *vereador* na época). Curiosamente, o jornal ostentava não ter envolvimento com o governo paranaense, investindo na imagem de isenção de parcialidade – fato que contradiz o próprio envolvimento político de seu diretor.

As caracterizações dos sertanejos nas notícias tanto sobre o Contestado quanto sobre seu estilo de vida induziam à construção de imagens antagônicas: o caboclo manso, elogiado pelo jornal, e o caboclo jagunço, fanático, ao mesmo tempo bandido e vítima das circunstâncias. Vejamos alguns exemplos.

Em 1912, o periódico realizou uma entrevista com o coronel Manuel Severiano Maia, da região de Campos Novos, com o intuito de adquirir informações a respeito dos revoltosos. Afirmou que não acreditava que

⁴ Informação retirada do website da Academia Paranaense de Letras: <http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-8/>. Acesso em: 29 de abril de 2016.

Contestado seria um novo Canudos⁵, dando a seguinte descrição: “o nosso caboclo embora seja um homem cheio de credices e ignorante, muito poucas vezes vai até o fanatismo” (O DIÁRIO DA TARDE, 28 de setembro de 1912). Era o início do Movimento, por isso tal afirmação que não os colocavam enquanto *fanáticos* nos moldes dos seguidores de Antônio Conselheiro.

Uma matéria emblemática, intitulada de “A vida sertaneja – o caboclo paranaense” mostrou o lado do caboclo que não se envolvia com o Contestado. Referindo-se à sua moradia, ao seu lazer acompanhado de sua viola e da bebida na cuia, o autor escreveu: “E é aí, acercado dessa simplicidade bucólica, nesse casebre tosco e pequenino, que o caboclo nasce, vive e morre” (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de novembro de 1912). Contrapunha-se às constantes reportagens sobre relatos dos conflitos entre tropas oficiais e os sertanejos, com traços evolucionistas nas descrições.

Outro exemplo deste tipo de visão está em um artigo do chefe do jornal, Rubens do Amaral, no início de 1914, com o título “Os sertanejos em arma são revoltados, fanáticos ou instrumentos?”, no qual afirmou o seguinte:

Sua culpa é bem menor do que a de quem o exacerbou e de quem os deixou crescer semi-bárbaros, nos sertões, segregados da civilização, sem escolas e sem justiça. São produtos necessários do meio, vítimas do ambiente em que vegetam. (O DIÁRIO DA TARDE, 07 de janeiro de 1914).

Ou seja, há tanto traços do evolucionismo cultural que colocavam os caboclos em um patamar inferior de civilização, quanto considerações sobre a situação precária em que se encontravam, e que o maior culpado por isto era o governo que o abandonara. É preciso destacar que neste período o jornal

deixou de criticar os revoltosos por conta do avanço dos confrontos e passou a se solidarizar com a situação precária que se encontravam.

Relações com o estado de *barbárie* e (ou) *selvageria* apareceram em setembro de 1914 a respeito da opinião do jornal em analisar estrategicamente qual seria o melhor plano para o exército que estava sob ameaça dos revoltosos no Rio Negro:

(...) se a caboclada se disseminar pelo sertão, conservando-se de tocaia, ainda não será desta feita que a ordem será restabelecida, porque, perdido na imensidade da mata inculta, o caboclo é quase invencível. (O DIÁRIO DA TARDE, 01 de setembro de 1914).

Imagem 1 – Fotocópia de reportagem sobre conflito com os sertanejos



Fonte: O Diário da Tarde, 19 de novembro de 1914.

Descrições a respeito do monge eram feitas, incluindo características fenotípicas. Como exemplo, no dia 15 de outubro de 1912, um homem não identificado foi entrevistado pelo jornal, afirmando ter conhecido José Maria durante a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul. O homem descreveu seu conhecido José Maria e comparou-o com o José Maria do Contestado, alertando que este último aparentava ser mais perigoso do que o que havia conhecido. Caracterizou-o da seguinte forma: “É um índio, com talvez 38 anos de idade,

⁵ Conflito ocorrido no interior da Bahia, entre 1896 e 1897. Foi liderado pelo padre Antônio Conselheiro que, assim como no Contestado, a população pobre se rebelou contra a República, assim como também teve caráter messiânico (GIUMBELLI, 1997).

estatura elevada, barba ampla, cabelos caindo sobre os ombros, magro, direito” (O DIÁRIO DA TARDE, 15 de outubro de 1912). O aparecimento da palavra *índio* mostra algo comum nesta e em outras matérias: a população era descrita, muitas vezes, de modo generalizante por conta de seus traços fenotípicos de mestiçagem.

Este tipo de caracterização do monge surgiu novamente no dia 22 de outubro de 1912, em referência ao José Maria que havia batalhado no início do Contestado, preocupando-se em diferenciá-lo do outro José Maria que fazia parte do passado da região:

Está provado não ser José Maria, o monge que outrora viveu nos sertões deste Estado, e sim um homem de tipo indígena, bandido e autor de duas mortes no município de Palmas, onde foi processado e condenado, conseguindo fugir da prisão (...). (O DIÁRIO DA TARDE, 22 de outubro de 1912).

O monge, mais uma vez é relacionado a uma característica generalizante quando é chamado de *tipo indígena*. Não dá para afirmar que se tratava de fato de alguém pertencente a alguma etnia indígena, pois tal descrição nos leva a pensar que se trata de um dos fenótipos de caboclo da região. Também podemos afirmar que se tratava de uma narrativa que intencionalmente associava o monge a grau inferior na escala civilizatória conforme pensamento intelectual à época. Tal descrição devem ser condizentes com a análise do pensamento social da época da qual se trata (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Conflitos entre índios e não-índios eram descritos no jornal, como no dia 02 de dezembro de 1912, em uma matéria a respeito do assunto, abrangendo a estrada de Porto da União a Palmas:

Quinta-feira última, no lugar entre Guabiroba e Pouso Bonito, estrada do Porto da União a Palmas, próximo das cruzeiras que assinalam o último ataque dos botocudos, há anos atrás, ocorreu um assalto desses selvagens, sendo dolorosas as suas consequências.

(...) Sabe-se que os atacados reagiram defendendo-se a tiros, havendo muitos sinais de sangue no local onde se achavam os selvagens, sendo estes reconhecidos como botocudos.

O encarregado do posto de atração aos índios, logo que teve conhecimento do sucedido, tomou as primeiras providências no sentido de garantir o livre trânsito de passageiros na estrada do Porto da União a Palmas (...).

A propósito dos sangrentos acontecimentos, recebemos do nosso ativo correspondente no Porto da União:

“É ainda sob a impressão dolorosa dos recentes fatos do Irany, que lançamos mão da pena para noticiar, não banditismos de caboclos fanáticos, mas, desta vez de ataques praticados pelos bugres botocudos, na estrada estratégica de Palmas”. (O DIÁRIO DA TARDE, 02 de dezembro de 1912).

Na sequência, foi mostrado que em anos anteriores os indígenas mataram mulheres e crianças no mesmo local. Depois, afirmou-se que um homem não-índio foi assassinado por lá. O jornal não forneceu maiores explicações sobre o que motivou o conflito. O termo *botocudo*⁶ como forma de referência aos indígenas aparecia frequentemente no jornal. Mas especificamente nesta reportagem, algo não rotineiro pode ser notado: a referência ao combate do Irani, demonstrando que os conflitos com os indígenas estavam acontecendo paralelamente ao Contestado.

Matérias tratando sobre contatos entre índios e não-índios também podem ser

⁶ O termo *botocudo* era associado aos indígenas que utilizavam botoques nos lábios, como os Xokleng (THOMÉ, 2010).

encontradas em suas páginas, como a datada em 20 de janeiro de 1913: “Os botocudos – Onde se localizam estes selvagens – As tentativas de comunicação com os bugres”. A intenção foi o esclarecimento sobre os motivos que levavam os índios a estarem receosos com os contatos dos ditos civilizados, e o que os levou a cometerem o então recente ataque, na ligação entre Porto da União e Palmas, mostrado no *Diário da Tarde* no dia 02 de dezembro de 1912. Entrevistou-se um inspetor do SPILT, tomando o cuidado em traçar elogios sobre o serviço, associando-o a *humanitarismo* e *patriotismo*. A respeito das desconfianças dos indígenas, o entrevistado alegou que era consequência de toda a violência que sofreram anteriormente aos trabalhos do SPILT.

Ainda sobre o ataque na estrada, o jornal citou um trecho retirado do periódico de Santa Catarina, *O Dia*, de 19 de dezembro de 1912, afirmando que os indígenas mataram gados localizados em uma fazenda naquela região. Em contraponto, onze homens batalharam contra os índios representando os fazendeiros. O *Diário da Tarde* contrariou o modo como a situação foi mostrada n’*O Dia*, afirmando o seguinte:

Ora, é bem de ver que houve conflito entre os 11 homens e o grupo de índios, e, embora o jornal não o diga, facilmente se percebe que foram disparados tiros contra os índios que, inferiores em armas e forças tiveram de retirar-se irritados e sedentos de vingança, vindo agir em represália na estrada de Palmas, não escolhendo a sua vítima, visto como era a sua incompetência selvagem e dado o seu ódio de raça, o branco, o “português”, quem quer que ele seja é sempre o inimigo responsável pelas agressões que lhes são feitas e solidário com as mesmas. (O DIÁRIO DA TARDE, 19 de dezembro de 1912).

As palavras associadas aos indígenas – *incompetência selvagem*, *ódio de raça* – deixaram marcas de características de grau de evolução inferior. Além disso, posicionou-se de modo compreensivo em relação ao medo racial em

consequência dos atos arbitrários cometidos pelos não-índios.

Outro exemplo sobre as atuações do SPILT foi registrado no dia 05 de junho de 1913. Entrevistou-se o inspetor José Maria de Paula, que deu alguns esclarecimentos sobre suas atuações. Ele tocou em um assunto que era uma dúvida recorrente da população sobre o SPILT: se era função do órgão oferecer catequese aos índios. O inspetor utilizou o próprio documento do órgão como fonte de esclarecimento, alegando que nele constava ser o dever dos inspetores a proteção das tradições dos índios e que, portanto, a catequese iria na contramão de seus ideais:

Essa assistência que é prestada aos índios em geral, qualquer que seja a situação em que se encontrem – nômades ou errantes, reunidos em tribos, aldeados ou em promiscuidade com os civilizados – tem em vista prover as suas necessidades, abrandar os seus costumes mediante esforços tendentes à abolição da guerra e das práticas que nela adotam, e sobretudo ampará-los contra as violências e extorsões de que são frequentemente vítimas por parte dos civilizados. (O DIÁRIO DA TARDE, 05 de junho de 1913).

A população, de modo generalizado, imaginava o SPILT como um órgão que visava a *pacificação* dos povos autóctones. Em contrapartida, os objetivos laicos do órgão entravam em disputa com os argumentos da Igreja de que o melhor seria a catequese, com apoio de parte da população como meio de pacificá-los.

A comparação do jornal entre os sertanejos revoltosos e os indígenas apareceu em uma matéria em 05 de janeiro de 1914, intitulada de: “Pela humanidade – uma crueldade que se poderia evitar”, em referência ao conflito dos sertanejos em Curitiba ocorrido dois dias anteriormente à publicação. As justificativas referentes aos revoltosos se basearam na frequente associação deles à ignorância,

tornando-se alvos do *fanatismo*. O periódico entrevistou o frei Rogério⁷, por conta de seu contato com um reduto dos sertanejos. O frei também os associou ao fanatismo, mas demonstrou compreender suas revoltas de modo vingativo contra pessoas de importância política e econômica de Campos Novos e Curitiba devido às suas perseguições direcionada a eles. Comparou os índios com os caboclos no trecho a seguir:

Se a lei protege o índio e o considera um tutelado do Estado, com que direito se mata o caboclo fanático, que no estado de ignorância e inconsciência em que se encontra, pode ser equiparado àquele?

Não! Repetimos: essa crueldade não se compadece com os nossos sentimentos de justiça, não se coaduna com os nobres impulsos de um novo culto, é um crime, é uma afronta à nossa civilização! (O DIÁRIO DA TARDE, 05 de janeiro de 1914).

Podemos refletir sobre uma importante questão presente nesta fala. O incômodo com a proteção indígena leva a pensar na vulnerabilidade a qual os caboclos estavam submetidos por conta do descaso do Estado em comparação aos gastos com os índios. Mas já se sabe que os indígenas também sofriam ataques naquela época, mas que não foi encontrado muito material jornalístico sobre o assunto. A escala evolucionista unilinear é perceptível em sua fala, ao afirmar o absurdo que era violentar pessoas ditas *civilizadas*, indicando superioridade aos considerados *selvagens*. No entanto, equiparou os sertanejos com eles no sentido de que também estariam atrasados no modo civilizatório de vida devido ao seu *fanatismo*.

Uma nova comparação com os sertanejos foi feita em 12 de fevereiro de 1914, na matéria: “A hecatombe de Taquarussu – 55 mortos e 90 feridos – É crime o fanatismo?”. O Estado foi novamente criticado pelo jornal

devido às suas ações violentas contra os sertanejos, junto a descrições culturais direcionadas a eles: “O fanatismo não é um crime e a ignorância não é também senão um mal social, de que o principal e único responsável é o governo, que espingardeia e mata” (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de fevereiro de 1914). Comparou-se os dois grupos sociais em questão na seguinte parte:

País das contradições, da anarquia moral e espiritual reinando resulta esta triste anomalia: o governo gasta pelo Ministério da Agricultura, centenas de contos de réis, para com enormes sacrifícios, chamar ao grêmio da civilização algumas centenas de índios, e, pelo Ministério da Guerra, gasta outras centenas de contos, para esmagar algumas centenas de míseros sertanejos obcecados, tão dignos, com aqueles, de caridosa proteção! (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de fevereiro de 1914).

Fica clara a visão de que o governo estaria com *obsessão* em proteger os índios e, por outro lado, massacrava os sertanejos. O artigo de Rubens do Amaral, publicado na mesma edição, contém sua crítica sobre o Estado a respeito de seu descaso com a população do campo: “Tripudiem outros sobre os cadáveres desses infelizes, nos quais o Estado não soube fazer homens e agora trata como feras” (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de fevereiro de 1914).

Outra matéria, denominada “Catequese dos índios”, mostra a preocupação com o assunto já em seu subtítulo: “O modo pelo qual a catequese está sendo feita em Palmas é contraproducente”. Refere-se a críticas apontadas pelo periódico sobre os constantes ataques de indígenas:

(...) Disse-nos o conceituado fazendeiro (João Pimpão) que em 1903, quando o etnógrafo alemão Alberto Fric veio à cidade de Palmas para estudos, ou o que quer que fosse, foi pelo mesmo coronel João Pimpão

⁷ Frei Rogério Neuhaus foi sacerdote da Igreja Católica na região do Contestado, tendo discutido com João Maria sobre sua influência entre os sertanejos e que contrariava a ordem ortodoxa da Igreja (VINHAS DE QUEIROZ, 1996).

convidado a fazer uma entrada nos sertões de sua fazenda, que aliás tem sido sempre prejudicada pelos índios. O processo adotado pelo etnógrafo ao internar-se nas matas foi o mesmo usado pelos atuais catequizadores do Pouso Bonito – oferta de presentinhos, etc. Note-se ainda que Alberto Fric conseguiu aproximar-se do “toldo” dos índios.

Pois bem, 20 dias depois das ofertas e dos sinais do etnógrafo, os selvícolas tornaram-se protagonistas de uma tragédia horrível em que foram vitimados pelos índios 5 homens inermes e que nas matas de fazenda do coronel João Pimpão tranquilamente colhiam uma roça.

Externou-nos ainda o entrevistado que o botocudo, como é sabido, é um dos restos do selvagem brasileiro, é um dos últimos vestígios do indígena bravo; maltratado e reduzido; ele se tornou medroso e desconfiado, e só mesmo uma medida muito enérgica tornara produtora a sua catequese.

Essa medida poderá consistir, por exemplo, na captura de dez ou vinte índios que serão guardados e tratados carinhosamente por catequizadores de muita confiança, porque o caso é muito delicado. Depois de algum tempo deverão ser soltos alguns dos felizes prisioneiros e estes então por si farão a catequese. (O DIÁRIO DA TARDE, 27 de março de 1914).

O jornal, então, criticou a maneira como a catequese dos indígenas era realizada, através de *presentinhos*. Há, também, a necessidade de observar o modo como o etnógrafo se aproximou dos indígenas: a mesma tática de utilizar presentes. Tal medida foi vista como ineficiente, porque os não-índios ainda estavam sendo atacados. Este discurso reproduzido pelo jornal é espelhado no discurso padrão de prejudicar a imagem dos povos autóctones. Fica evidente a busca por táticas que os *amansassem*, inclusive alegando que se eles capturassem apenas alguns índios e fizessem uma catequese de maneira forçada era algo a se pensar,

justificando que poderiam se tornar modelos a serem seguidos pelos seus companheiros quando eles fossem novamente soltos.

Continuando a análise comparativa, o tema voltou no dia 04 de setembro de 1914, intitulada de “Os fanáticos – O Diário da Tarde entrevista o sr. Paulino de Almeida”. O entrevistado era um inspetor do SPILT, oferecendo dados que mostram o trabalho mútuo do órgão com indígenas e sertanejos:

Hoje tivemos ocasião de conversar com este nosso amigo que ali foi a serviço da mencionada repartição, afim de providenciar sobre serviços regularmente afetos ao posto da atração índios bravios do rio do Veado, situado na região compreendida entre a cabeceira do rio Preto e a vertente setentrional do Itajaí do Norte.

Em seu trajeto por aquela região sertaneja, teve o referido funcionário ocasião de conversar com alguns lavradores que lhe disseram que a região se conservava calma, apesar de poderem os fanáticos contar com muitas probabilidades de numerosas adesões entre as populações sertanejas da extensa zona que confina com Itaiópolis e Papanduva.

Supunham aqueles lavradores que o móvel principal daquela agitação fosse de fato o desejo de uma melhoria de sorte por parte daqueles homens que estavam em luta sujeitos talvez inconscientemente à influência de outros elementos que não visam os mesmos fins que só levam a cometer deploráveis excessos. (O DIÁRIO DA TARDE, 04 de setembro de 1914).

Nota-se a preocupação da população local com um possível aumento de adeptos do monge, mas mostrando que a intensão da mobilização sertaneja era melhorar suas condições de vida, e que o *fanatismo* teria se aproveitado desta questão. Tais informações, por outro lado, não deixam claro se a adesão de mais pessoas se tratava apenas de caboclos ou também de indígenas tradicionais, já que a região

abrangia seus territórios.

Mais uma descrição de um sertanejo com características indígenas apareceu no jornal, em meio a outras descrições sobre pessoas ligadas à criminalidade que faziam parte do movimento sertanejo. O periódico fez questão de ligá-los a Santa Catarina, afirmando que vinham de Canoinhas e tinham proteção de autoridades do Estado em questão. Bonifácio José dos Santos, conhecido como Papudo, recebeu a seguinte descrição:

Diz o nosso informante que o “Papudo” é um caboclo analfabeto, mal intencionado, um verdadeiro bugre, tipo de cabecinha propensa ao banditismo.

É um dos chefes mais respeitados dos jagunços, monarquista do “papo-amarelo”.

(...) É casado e tem dois ou três filhos. Conta 60 anos mais ou menos, tem um tipo de botocudo puro sangue e ostenta um monstruoso papo, donde sua alcunha. (O DIÁRIO DA TARDE, 17 de setembro de 1914).

Traços do evolucionismo cultural puderam ser notados. Associá-lo ao termo *bugre*⁸ o deixou em um patamar inferior de intelectualidade comparado a outros caboclos, reforçado pelo fato de ser analfabeto. Por conseguinte, destacar sua relevância entre os sertanejos junto à sua orientação política monarquista deixou um tom de ameaça aos ideais republicanos.

A respeito da pacificação de indígenas, o jornal deu algumas informações:

É, pois, motivo de júbilo para todos os que se interessam pela sorte dos nossos infelizes irmãos das selvas, levados, muitas vezes, pela sua triste condição, a praticar assaltos e depredações contra habitantes inermes dos

sertões, num justificável movimento de represália.

Os botocudos eram tidos até agora como indomáveis.

Cientistas de renome como o dr. Ihering, diretor do Museu Paulista, chegaram a aconselhar como único meio de eliminar o mal o seu extermínio a ferro e fogo; entretanto, o Serviço de Defesa e Proteção aos Índios, sob a sábia inspiração do benemérito coronel Rondon, acaba de provar o contrário, pacificando a tribo, cuja bravura e ferocidade a todos aterrorizavam.

Diante desse auspicioso fato, vem a molde uma observação: - Se os selvagens botocudos puderam ser pacificados pelo trabalho constante de meia dúzia de homens abnegados, não se poderá conseguir outro tanto dos sertanejos fanatizados?

A missão pacifista, que nós mesmos empreendemos, não deu resultado como não o deu a repressão, à força, também até agora tentada.

Parece, por isso, que a ação combinada, ao mesmo tempo suasória e repressiva, será o meio mais prático para se alcançar o objetivo.

Promessas de garantias aos que não houveram cometido coisa alguma e ação repressiva e perseguição aos criminosos.

A ocupação sistemática dos povoados, sujeitos aos ataques e depredações dos bandoleiros, é uma medida de defesa, que está sendo tentada com muito acerto, devendo produzir excelente resultado, sob o duplo aspecto da pacificação e da repressão. (O DIÁRIO DA TARDE, 06 de outubro de 1914).

Novos traços de comparação entre indígenas e sertanejos estiveram presentes novamente. A diminuição dos conflitos com os

⁸ Oliveira afirma que o conceito *bugre* se refere aos índios de modo pejorativo (OLIVEIRA, 1976, p. 127). Thomé reforça essa ideia explicando que o termo se origina da palavra francesa “bougre”, referindo-se a “qualquer índio” (THOMÉ, 2010, p. 42).

índigenas foi vista como sucesso. Porém, em relação aos sertanejos, o governo deixou a desejar. Defendeu-se, portanto, o uso do mesmo trabalho que o SPILTN estava fazendo com os índios. A referência ao diretor do Museu Paulista, van Ihering, que declarou que o melhor seria que os indígenas fossem exterminados, refletiu a repercussão do caso de maneira a superar tal ideia e provar que a fórmula do SPILTN rumo ao *progresso* estava dando certo.

Confirmando este posicionamento favorável ao órgão, o *Diário da Tarde* questionou o posicionamento do periódico *A Tribuna* em suas críticas à pacificação:

Infelizmente, durante séculos, perdurou a errada ideia, agora abraçada pel'A Tribuna, desta capital, de que o indígena é uma fera indomável, que deve ser destruído a ferro e fogo.

Coube, entretanto, à República, a glória de desfazer, se bem que já um tanto tarde, esse passado de erros funestos.

A tarefa, brilhantemente encetada e já em parte realizada, coube, por uma feliz circunstância, a um índio, o coronel Rondon, que procurando e conseguindo redimir e salvar o resto de sua perseguida raça, pôde demonstrar praticamente que o índio não é um elemento incapaz e pernicioso, quando produz homens de sua estatura moral.

(...) A Tribuna, “bugreira”, assim se exprime:

“O índio brasileiro é um indivíduo inassimilável à civilização e ao convívio dos brancos: indolente, vagabundo, perverso, é um tipo que só pode existir dentro das florestas que o abrigam e, portanto, condenado fatalmente a desaparecer, repellido pela população do país, à medida que se for tornando mais densa e se for assenhoreando do território das nossas matas virgens”.

Os fatos se encarregam de desmentir essas afirmações.

Existem inúmeras provas de perfeita assimilação do índio à civilização. (O DIÁRIO DA TARDE, 09 de outubro de 1914).

Posteriormente, o jornal falou sobre exemplos de processos pacificadores que obtiveram êxitos. Segundo essas duas visões, devemos considerar que não havia consenso sobre os tratamentos que deveriam ser direcionados aos índios. Havia a ideia de *bom* e de *mau* selvagem reproduzida nos periódicos, inclusive através de opiniões intelectuais sobre a questão. Como apontou Pereira (1995) o *bom selvagem* estava relacionado às vontades de integração dos povos autóctones na sociedade, trabalhando para a construção da identidade da nação. Um problema, porém, surge com o termo *assimilação*, mostrando que o jornal se posicionou a favor da extinção de culturas tradicionais que eram interpretadas como barreiras para alcançarem o estágio de civilização esperado.

Outro exemplo de elogios ao SPILTN pode ser visto a seguir:

Barbosa Rodrigues, grande conhecedor da vida dos indígenas, escreve: “Fácil seria patentear ao mundo inteiro que o índio brasileiro não é preguiçoso pelo clima, vadio por índole, desmoralizado por natureza: mas que é ativo, trabalhador e honrado como deve ser todo homem em que não se inócle o vírus da imoralidade. Aos poucos, formada a estabilidade da civilização, irão perdendo hábitos, e sem constrangimento moral ou físico se acostumarão aos nossos usos, costumes e trabalho”.

(...) Os nossos pensadores acreditavam que o destino nos fora propício na formação do tipo brasileiro representativo da fusão de três elementos apreciáveis, herdando de cada um a sua melhor qualidade: a do índio a sua força e bravura, do negro a afetuosidade e do português, a rigidez de caráter. (O DIÁRIO DA TARDE, 12 de outubro de 1914).

A fórmula ideal fica clara: atinge-se o grau de civilização através de meios pacíficos,

comprovada por pessoas que estiveram próximas aos índios, como Barbosa Rodrigues. As *três raças* em convivência harmoniosa demonstra que existia a vontade de que todos deveriam contribuir para alcançar o *progresso* almejado, mostrado no restante da notícia, tratando-se sobre a utilização de terras de ocupação tradicional indígenas que não estavam sendo aproveitadas para eventuais produções.

Imagem 2 – Fotocópia de reportagem microfilmada sobre o SPILTIN



Fonte: O Diário da Tarde, 26 de outubro de 1914.

Apesar de o órgão em questão ser visto frequentemente com sucesso pelo jornal, algumas situações de conflitos o faziam levantar questionamentos. Uma notícia intitulada de “Ataque de índios bravios” se referia a um ataque de indígenas na região de Palmas, a uma fazenda. Eles assassinaram alguns animais, e o caso fez com que o jornal mostrasse que o processo pacificador até então tão elogiado não era totalmente eficaz. A resposta do inspetor José Maria de Paula, posteriormente, foi de que se o ocorrido fosse verdadeiro, os conflitos entre índios e fazendeiros no local já era de seu conhecimento. Sobre culpar os indígenas, mostrou o lado deles ao afirmar que os ataques eram reflexos da violência que já sofriam de tempos atrás (O DIÁRIO DA TARDE, 29 de outubro de 1914).

Alguns dias depois, voltou o

posicionamento do *Diário da Tarde* favorável à pacificação, com mais falas de José Maria de Paula sobre o acontecimento em Palmas. Porém, os mesmos indígenas também fizeram ataques no posto do SPILTIN de Plates⁹, local destinado à sua pacificação. O inspetor declarou que não houve medidas violentas contra os índios, e que o trabalho com harmonia prosseguiria. Afirmou que os autóctones usufruiriam dos benefícios ofertados pelo órgão, mas no momento certo retornariam às matas:

Compreende-se facilmente que esse será o seu regime ainda por algum tempo, porque querer transformar bruscamente a índole nômade daquele selvagem em outra estável e sedentária, seria não só perturbar o curso de um fenômeno que se deve verificar por evolução natural e, portanto, lentamente, como ainda cometer uma imprudência capaz de inutilizar todo o resultado obtido. (O DIÁRIO DA TARDE, 31 de outubro de 1914).

A cautela em não prejudicar a *evolução natural* remetida aos indígenas em direção à civilização indica mais traços evidentes do evolucionismo cultural. É notável o uso de seus princípios pelo governo. As relações conflituosas entre eles e os caboclos também apareceram em sua fala:

O maior trabalho dos empregados dos postos tem sido conter o caboclo, dito “bugreiro”, que anseia sempre massacrar os índios. Suspenso os serviços dos postos é bom de ver que os bugreiros cairão sobre os selvagens, trucidando-os, mais e mais dificultando a pacificação que se quiseste continuar mais tarde. (O DIÁRIO DA TARDE, 31 de outubro de 1914).

O *Diário da Tarde*, com isso, mostrou a problemática dos conflitos entre índios e caboclos, exemplificando a desarmonia na contramão do desejo harmônico entre as raças. Pelo olhar do evolucionismo cultural, trata-se de

⁹ Região do rio Plate, afluente do rio Itajaí do Norte (Rio Hercília), onde a facção Xokleng Laklanõ se concentrava no início do processo de pacificação em 1914 (WIİK, 1999).

grupos sociais que necessitariam dos trabalhos do SPILTIN para sair destes estágios *atrasados*.

Em março de 1915, palavras romantizadas sobre o Contestado por parte de Sebastião Paraná¹⁰ foram divulgadas no jornal. Com a intenção de descrever o modo como a região foi se desenvolvendo e as consequentes lutas protagonizadas pelo exército e pelos sertanejos, o escritor, em primeiro lugar, destacou os índios no começo da história:

Sertão vetusto! Catedral majestosa, onde os caciques outrora entoavam hinos de vitória! Tumulto de tribos extintas! Palácio de elfos encantados! Plaga batida pelas cabiidas indômitas de Pai! Que (ilegível) Terra palmilhada pelos guerreiros autóctones da estirpe de Guaira – filhos primogênitos da região inigualável, onde as montanhas se empinam altaneiras e os rios, em (ilegível), disparam pelas canhadas; confirmam catadupas tempestuosas e (ilegível) e tombam e rugem e estalam (ilegível) pororocas que atardem o oceano!

Contestado! Sertão imponente, (ilegível) sertão no Brasil quer dizer flora estupenda, grandiosidade dos troncos, vigor das essências que se enfileiram para formar matas interinas.

Sertão! A “umbela” de tuas selvas se estende, como um palio, sobre o húmus onde as armas do conquistador ibérico inhumou¹¹ o aborígene impávido e cioso de sua liberdade. (O DIÁRIO DA TARDE, 08 de março de 1915).

Os indígenas foram caracterizados de vítimas de um progresso colonial. O Contestado, por este lado, é interpretado como um local que pertencia aos sertanejos (caboclos), não sendo mais dos índios que foram *extintos*.

Sua narrativa demonstra um olhar

hegemônico que foi construído sobre eles: fizeram parte da história relatada sobre a região contestada, mas acabaram se tornando *caboclos* através da miscigenação entre negros, índios e brancos, retirando-os da história. Voltando às evidências do jornal, os que ainda eram considerados *tradicionais*, tinham que passar pelo processo de pacificação. Tal processo resultou em indagações a respeito de como era realizada pelo SPILTIN, como o apoio do periódico à catequese em contraponto ao trabalho laico do órgão que, de acordo com o jornal, não era totalmente eficaz. Em termos gerais, fica claro o incômodo do *Diário da Tarde* com os gastos do governo em proteção aos indígenas e a preocupação com os rumos que o *trabalhador sertanejo* estava tomando em se entregar ao *fanatismo*; e ter, como destino, a repressão estatal.

Considerações finais

Os resultados das análises revelaram os diversos conflitos entre índios e não-índios, assim como os combates entre estes últimos e as forças estatais. O momento era o mesmo do início dos trabalhos do SPILTIN, momento este marcado pelas mudanças nos olhares sobre raças e miscigenações. Isto condiz com as análises de Schwarcz (1993) de que, a partir dos anos 1870, o Brasil passou a ser contemplado pela ciência e por ideais republicanos, com características próprias, como já apontadas, abalando a hegemonia da Igreja Católica e da própria monarquia. O SPILTIN surgiu para expressar os ideais positivistas predominantes na gênese da República, recebendo muitos elogios do *Diário da Tarde*.

Os aspectos positivos, no entanto, dividiram espaço com indagações do periódico e de entrevistados a respeito da maneira abusiva de tratar os sertanejos revoltosos por parte do

¹⁰ Sebastião Paraná (1864-1938) foi uma figura de destaque no Paraná durante a Primeira República. De secretário da Junta Comercial do Paraná, deputado estadual e superintendente de ensino, foi responsável pela construção de uma identidade cultural no Estado através da educação, como através da produção de materiais didáticos (BERTOLINI, 2000).

¹¹ *Inhumar* significa *enterrar*.

governo, resultando em afirmações de que o tratamento estatal era pior do que aos oferecidos aos indígenas. Tais questionamentos levavam consigo o uso da escala civilizatória de evolução em referência aos índios e aos caboclos, observando os interesses do governo em *amansá-los* ou *pacificá-los*.

Os discursos reproduzidos no *Diário da Tarde* representaram generalizações e, ao mesmo tempo, distinções entre os sertanejos e os indígenas. Sobre descrições de alguns sujeitos os quais fizeram parte dos combates, usou-se características fenotípicas e culturais de *índios* e de *caboclos*, sem uma diferenciação entre os dois. Assim como havia opiniões dotadas de caráter pejorativo para os dois grupos. No entanto, ao tratar sobre o que os diferenciavam uns dos outros, surgiram termos como *incompetência selvagem* que induzem a possíveis considerações, como os indígenas sendo inferiores na escala evolutiva em comparação aos sertanejos em termos raciais, ou pelas suas relações com o trabalho serem menos complexas do que as dos sertanejos. A solução seria a *harmonia entre as raças*, como foi visto em uma reportagem, e que era reflexo de todo um discurso reproduzido também em outras reportagens, às vezes de maneira explícita e às vezes de modo mais velado. Tal solução visada pelo jornal, somente teria êxito através da *pacificação*.

A análise do discurso nos permitiu afirmar que o *Diário da Tarde* estava com receio sobre o destino do *sertanejo paranaense*. O medo prevaleceu no periódico: os caboclos se entregavam ao *fanatismo* de José Maria, visto como o grande culpado pelos conflitos, mas que seguiam sem a sua presença em vida. Seus posicionamentos políticos se revelaram nas muitas críticas voltadas ao tratamento do governo catarinense com a população do campo. Mas o jornal do político paranaense Jayme Ballão também não deixou de criticar os avanços das tropas paranaenses contra os revoltosos.

Os índios, nestas narrativas midiáticas que, segundo Orlandi (1996), já constroem uma

história por si só, foram usados de modo comparativo aos sertanejos, entre sucessos e fracassos, no caminho já traçado pelo Estado em *amansá-los* e levá-los à almejada civilização. As consequências destes discursos foram as lacunas deixadas sobre suas perspectivas na história da região do Contestado. Tais lacunas poderiam ser preenchidas levando em conta a existência de terras de ocupação tradicional indígena na região, fotografias dos conflitos do Contestado que mostram a participação de índios, a presente devoção deles a São João Maria, entre outros indícios a serem investigados.

Deixemos como consideração final esta necessidade de resgate de narrativas ainda não registradas, mostrando a importância em buscar o que os indígenas da região, situados em um outro contexto, não mais com o mesmo significado e o mesmo peso que havia na diferenciação destes com os caboclos, tem para nos contar sobre este passado e seus desdobramentos para com seu tempo e forma presentes

Referências

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS. **Cadeira 8 – Rafael Valdomiro Greca de Macedo**. Disponível em: <http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-8/>. Acesso em: 29 abr. 2016.

BERTOLINI, João Luís da S. **Sebastião Paraná – um construtor da educação**: Construção de um imaginário na Primeira República (1889-1930). 2000. 41 f. Monografia de História. Departamento de História do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2000.

BRASIL. Republica dos Estados Unidos do Brazil - Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio – **Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais** – Exposição apresentada ao Sr. Dr. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, Industria e Commercio, pelo Engenheiro José Bezerra Cavalcanti, Director interino do SPILTIN – Rio de Janeiro, nov. 1911.

BUBA, Nathan M.; NÖTZOLD, Ana Lúcia V. Os “joaninos” entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó. In: **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH – SC**: História e Movimentos Sociais. Chapecó: ANPUH, 07 a 10 jun. 2016.

CARVALHO, Tarcísio M. de. O ruralismo em Santa Catarina e a Guerra do Contestado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** (ANPUH), São Paulo, jul. 2011.

GHIGGI JÚNIOR, Ari; WIİK, Flávio B. Entre Crentes e Católicos: Cosmologias, Ideais Econômicos e Práticas Políticas entre os Kaingang da Terra Indígena (TI) Xapecó - SC. In: VI Reunião de Antropologia do Mercosul, 2005, Montevideo. **Anais da VI Reunião de Antropologia do Mercosul**. Montevideo: Rau - Universidad de la Republica, 2005. p. 43-48.

GIUMBELLI, Emerson. Religião e (des)ordem social: Contestado, Juazeiro e Canudos nos estudos sociológicos sobre movimentos religiosos. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 02, 1997.

GOMES, Mércio P. Por que sou rondoniano? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 26, n. 65, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MONTEIRO, Duglas T. **Os errantes do novo século**: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

MOTA, Lúcio T. A construção do “vazio demográfico” e a retirada da presença indígena da história social do Paraná. **Pós-História**: Revista de Pós-Graduação em História, Assis, p. 123-137, 1994.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

O DIA. **Fanáticos**. Periódico do dia 28 de novembro de 1915. Disponível na Biblioteca Pública de Santa Catarina, Florianópolis.

O DIÁRIO DA TARDE. Periódicos de 1912 a 1916. Disponível na Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terêna. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1976.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. Editora da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1996.

PEREIRA, Waldir da S. **A ferrovia São Paulo - Rio Grande e os índios Xokleng**: relações interétnicas e modernidades no Brasil meridional. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. 194 f. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 1995.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

SAMPAIO, José A. L. De caboclo a índio: etnicidade e organização social e política entre povos indígenas contemporâneos no nordeste do Brasil; o caso Kapinawá. **Cadernos do Leme**, Campina Grande, vol. 3, n. 2, p. 88-191, jul./dez. 2011.

SCHWARCZ, Lilia. K. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SIMONETTI, Rafael P. **As perspectivas de jornais sulistas sobre representações e visibilidades indígenas no período do Movimento do Contestado**. Trabalho de Conclusão de Curso. 62 f. Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Centro de Ciências Humanas, 2014.

_____. **De selvagens bugres a caboclos fanáticos**: as representações no Diário da Tarde durante o Contestado (1912-1916). Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. 132 f. Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2017.

SIMONETTI, Rafael P; WIİK, Flávio B. A imprensa sulista nas Batalhas do Contestado e seu tratamento à (in) visibilidade indígena. In: Delmir José Valentini; Rogério Rosa Rodrigues. (Org.). **Contestado**: Fronteiras, Colonização e Conflitos (1912-2014). 1ed. Porto Alegre e Chapecó: Letra e Vida e Editora da UFFS, 2015, v. 1, p. 253-266.

THOMÉ, Nilson. **Civilizações primitivas do Contestado**. Caçador: Universal, 1981.

_____. **Os índios no espaço livre do Contestado**. Caçador: Clube de Autores, 2010.

VIEGAS, Susana de M. Índios que não querem ser índios: etnografia localizada e identidades multi-referenciais. **Etnográfica**, vol. 2, n. 1, p. 91-111, 1998.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social - a guerra sertaneja do Contestado**: 1912-1916. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

WIİK, Flávio B. Xokleng. **Povos indígenas no Brasil**, jul. 1999. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/976>. Acesso em 29 de setembro de 2017.

_____. **Christianity converted**: an ethnographic analysis of the Xokleng (Laklanö) Indians and the transformations resulting from their encounter with pentecostalismo. Tese de doutorado em Antropologia. 365 f. University of Chicago, 2004.

_____. **"Somos Índios Crentes"**: dialéticas do contato, alteridade e mediação cultural entre os Xokleng (Jê) de Santa Catarina. Tellus (UCDB), v. 19, p. 11-51, 2010.

_____. O Contestado e seu impacto sobre modos e regimes de relação Homem-Natureza entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó – SC. In: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Marcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.). **Nem Fanáticos, nem Jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912 - 2012). 1. ed. Pelotas - RS: Editora da UFPEL, 2012.

WOITOWICZ, Karina J. Imagem contestada: A Guerra do Contestado pela escrita do Diário da Tarde (1912-1916). Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.